

2024.1 . Ano XLI . Número 47

CALÍOPE

Presença Clássica

Separata 11



2024.1 . Ano XLI . Número 47

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Separata 11

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrie (EHES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Sarcófago. Estrigilado com orante masculino sobre o tema do rapto de Proserpina, séc. III (Basilica de Sant Feliu, Girona). Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORACAO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 47
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Leonardo Vichi | Rainer Guggenberger | Simone de Oliveira Gonçalves
Bondarczuk | Vinícius Francisco Chichurra

Programa de Pós-Graduaao em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

Clássicos em movimento: pessoas, lugares, paradigmas e o “*global turn*”¹

Lorna Hardwick

RESUMO

A discussão analisa as implicações do recente *global turn* na teoria cultural para os estudos clássicos e a recepção clássica. Inicia-se com um resumo das associações mais amplas do conceito *global*, que têm implicações negativas para a pesquisa e o ensino no âmbito das clássicas, e influenciam a construção e a interpretação de paradigmas. O *global turn* está situado no contexto de outros *turns* culturais e conceituais que impactaram o estudo da antiguidade grega e romana e suas recepções: o *cultural turn*, o *translation turn*, o *performative turn*, o *democratic turn* e, mais recentemente, o *existential turn*. Esses *Turns* estão inter-relacionados, e a compreensão desse nexos fornece uma base para negociar a relação entre o estudo da antiguidade clássica e as políticas culturais globais. A parte principal do artigo aborda exemplos do papel de pessoas e lugares nas mudanças paradigmáticas em andamento, incluindo a citação de algumas importantes pesquisas recentes que exploram a recepção e a reinterpretção do material clássico na América do Sul, especialmente no Brasil. Elementos importantes na análise incluem *comparanda*; o repensar das concepções de temporalidade, agência e suas narrativas; o reconhecimento de que acadêmicos, tradutores, profissionais criativos e o público em geral têm uma variedade de pontos de entrada em um rizoma de engajamento com a antiguidade grega e romana. A seção de conclusão foca em paradigmas e aspirações, incluindo o imperativo de “elaborar seriamente o passado” (Adorno) e suas relações tanto com o presente quanto com o futuro. As histórias e urgências das disciplinas que se agrupam no estudo clássico não apenas representam um microcosmo dos desafios enfrentados pelas sociedades e pela geopolítica, mas também têm a capacidade de fornecer um espaço no qual os princípios da investigação imparcial e do compromisso ético podem ser mutuamente enriquecedores.

PALAVRAS-CHAVE

Adorno; Recepções clássicas; Poesia épica; Políticas culturais globais; Antiguidade grega e romana; Narrativas; Tragédia; Tradução.

SUBMISSÃO 8.1.2025 | APROVAÇÃO 20.3.2025 | PUBLICAÇÃO 2.4.2025

DOI [10.17074/cpc.v1i47.66717](https://doi.org/10.17074/cpc.v1i47.66717)

E

INTRODUÇÃO: DEFININDO O CENÁRIO

Este é um artigo exploratório, destinado a provocar discussão. Como o público leitor desta revista vem de uma variedade de origens linguísticas e culturais, focarei nas estruturas de investigação – o “andaime” da questão. Espero que os leitores possam recorrer a exemplos de seus próprios campos e contextos que estimulam seu pensamento, ensino e pesquisa, a fim de testar e revisar as sugestões propostas.

O GLOBAL TURN

Os primeiros passos na investigação devem ser: questionar o que significa o termo “Clássicas globais”, quais associações o conceito de “global” carrega e quais são as suas implicações para o campo de Clássicas como uma disciplina (positivas e/ou negativas)?

As desvantagens associadas ao uso do conceito “global” incluem: as associações de uma uniformidade do tipo “tamanho único”, com suas implicações para o apagamento das diferenças; o termo ser frequentemente usado como um eufemismo para marketing/populismo, suscetível de manipulação pelas grandes empresas; a noção de “global” poder envolver também a marginalização do “local” e até mesmo do “regional”, deixando pouco espaço para idiosincrasia, criatividade e experimentação; o termo, às vezes, ser usado para atribuir valor por quantidade em vez de qualidade, privilegiando o instrumentalismo.

Em termos do estudo da antiguidade grega e romana e de suas recepções, o conceito de “global” pode estar carregado de uma sutil sugestão de ressuscitar a noção de universalidade, uma ideia que costumava estar associada a um classicismo relativamente acrítico e aos “valores clássicos” nele imbricados. Dadas as associações passadas da cultura clássica com projetos imperialistas, o “global” também pode, na prática, implicar a reafirmação da hegemonia cultural sob outro nome.

“Global” também é usado como um termo pejorativo por teóricos da conspiração, por exemplo. Portanto, conceitualmente como praticamente, “global” é um campo ainda em disputa. Assim sendo, é mister sugerir o que os Estudos Clássicos Globais podem abranger de modo a não cair nessas armadilhas conceituais.

As vantagens, por sua vez, seriam: as implicações positivas do termo “global” que inclui o reconhecimento de múltiplos fatores – locais, pessoas, vozes, tradições, paradigmas – que desafiam a hegemonia cultural e/ou o poder geopolítico, restritos a um único aspecto da antiguidade e suas recepções. Se os pontos negativos descritos acima puderem ser evitados, os aspectos positivos incluem potencial para intercâmbio cultural, abordagens colaborativas, múltiplos meios de comunicação, escuta de outras perspectivas e debate. Os modos de encontro serão um fio condutor predominante no debate, por isso o título deste artigo faz referência a pessoas e lugares, bem como a paradigmas.

Há também um contexto específico para o recente interesse em Clássicas globais: o *global turn* nos Estudos Clássicos pode ser estimulado pela preocupação com a extensão e as causas da marginalização do estudo e da visibilidade pública da disciplina, especialmente em países, culturas e contextos que anteriormente a privilegiavam. O *global turn* também pode ser, em parte, uma resposta ao senso de culpa experimentado por alguns classicistas sobre o papel dos classicismos de diversas formas ao longo dos séculos na geração e na manutenção de divisões de classe, coloniais e de gênero, bem como nas atitudes e nas discriminações associadas. Assim, há um forte elemento de política cultural, bem como o reconhecimento de uma situação atual na qual:

(i) O aprendizado clássico foi afastado de sua posição como o auge da autoridade cultural nas e entre as sociedades.

(ii) Mesmo assim, as atividades clássicas, acadêmicas e criativas, continuam a florescer. Especialidades tradicionais, como a crítica textual, continuam sendo vitais, assim como o aprendizado dos idiomas clássicos.

(iii) A educação clássica de qualquer tipo é difícil de obter. Encontros com a antiguidade são tão prováveis de começar

na comunidade – teatro, cinema, poesia, museus, galerias de arte, romances, ficção científica, videogames e outras formas de cultura popular – quanto na escola ou faculdade. Portanto, é necessário reconhecer e oferecer vários pontos de entrada nos rizomas de consciência e conhecimento da antiguidade grega e romana.

(iv) Existem e sempre existiram tradições clássicas greco-romanas fora do contexto europeu ocidental e norte-americano, como, por exemplo, no continente africano (de diferentes formas, desde as sociedades mediterrâneas e norte-africanas na antiguidade até a África do Sul contemporânea); árabe (também de várias formas); subcontinente indiano, continente da América do Sul – América Latina (com dimensões hispânicas e lusófonas). Alguns aspectos dessas tradições serão mencionados mais adiante.

(v) Essas tradições se somam a outras formas de tradição clássica, fora a greco-romana, como na China e na Índia.

Um ponto importante a acrescentar, especialmente para análises atuais e futuras, é que as suposições geopolíticas tradicionais estão mudando. Por exemplo, a Europa é agora um continente que oferece um espaço para o encontro e a interação de muitas tradições culturais, e, por extensão, de suas associações com a Grécia e Roma. Da mesma forma, as generalizações implícitas em rótulos como África ou América do Sul são enganosas, pois mascaram a agência e as interações de diferentes histórias e tradições.

O CONCEITO DE *TURN* – ONDE SITUAR O *GLOBAL TURN*?

Os estudos culturais e literários têm sido marcados por uma série de *turns*. O termo *turn* é uma abreviação para uma mudança no foco da investigação, com consequências para as perguntas formuladas, os métodos utilizados e os referenciais críticos adotados. Nos estudos clássicos de recepção, o *translation turn*, o *cultural turn* e o *performative turn* foram todos influentes.² Além disso, as implicações dos *turns* são geralmente multidimensionais. Por exemplo, o *performative turn*, não apenas

sinalizou um foco no papel central do drama e da poesia performática, antiga e moderna, mas também incentivou os acadêmicos da recepção a considerarem as implicações da fala performativa em todas as situações, incluindo sua interação com os contextos em que a linguagem foi produzida e utilizada. A esses *turns* pode ser adicionado o *democratic turn*, no qual o acesso e a participação foram ampliados entre as classes sociais, com mudanças correspondentes na proeminência de alguns textos e traduções.³ O *postcolonial turn*, no qual o material grego e romano é reconhecido como um agente de resistência à dominação colonial, também exerceu considerável influência acadêmica e cultural.⁴ Mais recentemente, outros três *turns* se mostraram importantes. O conceito de *medialidade* está cada vez mais presente nos quadros críticos utilizados para a análise das recepções clássicas, tanto no sentido de que a relação entre textos antigos e recepções subsequentes raramente é diretamente linear, sendo frequentemente mediada por outros textos, quanto no sentido de que essas iterações atravessam diferentes mídias, incluindo aquelas desenvolvidas após a antiguidade e na era moderna.⁵ O *global turn* promoveu a conscientização sobre o estudo e o uso de material grego e romano em todo o mundo,⁶ mas – como esbocei acima – traz seus próprios problemas em termos de conceitos e métodos, e está longe de ser uma panaceia para a descentralização dos estudos e do conhecimento clássico em muitos domínios públicos.

O *existential turn* é uma abreviação utilizada para destacar a preocupação de que o papel da antiguidade grega e romana nas histórias culturais e políticas dos regimes colonizadores da Europa Ocidental não apenas destruiu seu *status* moderno, mas também carrega um legado tóxico da própria antiguidade, ao estabelecer a misoginia e a escravidão como normas sociais.⁷

O conceito de *existential turn* também reconhece que o acesso e o conhecimento sobre a antiguidade grega e romana são difíceis de alcançar e já não desempenham um papel central na consciência pública. O recuo pode ser um precursor da ruína. Um termo mais brando para descrever a situação atual do estudo da antiguidade greco-romana, mas que ainda assim se baseia nos *turns*,

global e existencial, é o pós-clássico.⁸ No entanto, na minha opinião, o *existential turn* representa um desafio válido e potencialmente revigorante, um desafio de reconhecer e confrontar o passado. O termo ‘passado’ abrange tanto as matérias-primas quanto as fontes de evidência originadas na antiguidade e suas recepções subsequentes, incluindo interpretações e apropriações. Confrontar o passado, sem repressão ou negação, anda de mãos dadas com o reconhecimento de seus aspectos positivos e com a compreensão de que as definições de “positivo” e “negativo” mudam ao longo do tempo e do contexto.

PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NAS PESQUISAS RECENTES

As principais contribuições para estudos recentes que questionam as suposições restritivas, redefinem as histórias das recepções gregas e romanas e abrem caminhos para futuros diversos incluem:

1 Clássicas Globais

[Clássicas Globais] baseia-se em três pressupostos centrais. O primeiro é que as questões globais não são apenas transnacionais, mas também transhistóricas [...] [em segundo lugar] as clássicas estão idealmente posicionadas para contribuir de maneiras significativas nas discussões sobre questões globais, que são complexas demais para serem abordadas a partir de uma única perspectiva disciplinar [...] [em terceiro lugar] o próprio campo das clássicas está em uma encruzilhada, confrontado com questões de relevância e questões de acesso e inclusão que ameaçam sua existência.⁹

A abordagem de Bromberg sugere espacialidades e temporalidades alternativas e também destaca o *existential turn*. Há uma ênfase significativa no trabalho interdisciplinar.

2 Perspectivas pós-clássicas

Se o estudo dos clássicos, especialmente desde o Renascimento, foi repetidamente motivado pelas ideias de que, em primeiro lugar, os textos e materiais antigos gregos e romanos – ‘clássicos’ – possuem valor intrínseco e, em segundo lugar, que a cultura ocidental encontrou uma herança privilegiada no passado grego e romano antigo, como deve ser estruturado o estudo contemporâneo da antiguidade se nem um desses compromissos ideológicos pode mais ser sustentado ou promovido de maneira inquestionável (tanto porque os suportes estruturais do classicismo mudaram quanto porque o dismantelamento de muitos desses suportes tradicionais é algo positivo que continuamos a defender)?¹⁰

Se os clássicos globais, como sugere Bromberg, são transnacionais e transhistóricos e possuem a capacidade de contribuir para a discussão de questões mais amplas, então eles requerem quadros comparativos (através de tempos/lugares/línguas e culturas). Bromberg também enfatiza a importância da tradução, que o *Postclassicisms Collective*, surpreendentemente, omite amplamente como uma categoria separada, embora existam alguns tópicos em sua discussão.

3 Traduções como agentes de troca e comparação

As traduções, de certa forma, são contratextos, bem como intertextos. Elas desafiam os argumentos de que, por exemplo, o material grego e latino só pode ser acessado por aqueles que dominam os textos nas línguas originais. De maneira mais ampla, as traduções desafiam a ideia de que a história de grupos específicos só pode ser criada e comunicada por membros desses grupos. Como coloca Ngũgĩ wa Thiong’o em suas *Wellek Library Lectures*:

A tradução é a língua das línguas. Ela abre as portas das prisões nacionais e linguísticas. É, portanto, um dos aliados mais importantes da literatura mundial e da consciência global [...] [*Globalectic Reading*] significa romper com a prisão da

imaginação construída por teorias e perspectivas que pareciam classificar seu conteúdo, acessível apenas a poucos [...] isso também pode significar que o ato de ler se torna também um processo de autoexame.¹¹

Essa passagem de Ngugi também é interessante porque o autor publicou suas ideias em inglês, apesar de sua defesa pelo valor de escrever na língua vernácula e suas tentativas anteriores de evitar publicações em inglês devido ao seu *status* como uma língua global associada à hegemonia cultural e ao imperialismo.

Para Ngugi, a tarefa do tradutor é, portanto, ampliar o número de pessoas que possam tanto se identificar quanto refletir sobre o conteúdo dos textos. O crescente reconhecimento da importância da tradução e das mudanças na percepção do papel do tradutor (não mais invisível, mas criativo e engajado) tem energizado diversos projetos de pesquisa, alguns dos quais reconhecem o papel distinto das traduções de materiais gregos e romanos.¹²

ALGUNS CONCEITOS ÚTEIS PARA MAPEAR AS RECEPÇÕES CLÁSSICAS E SEU ALCANCE GLOBAL

A difusão do material grego e romano e os variados pontos de partida pelos quais ele é acessado e interpretado por acadêmicos, profissionais, leitores e espectadores exigiram agilidade conceitual. Isso incluiu o desenvolvimento de métodos e taxonomias que vão além da identificação de intertextualidades e alusões diretas.¹³ As taxonomias agora incluem, por exemplo, noções de “afinidade” e “associação” (como respostas a lugares e atributos de figuras icônicas da mitologia e da história). A análise deve identificar e investigar encontros com material antigo que podem ser *glancing* (em que nenhum texto é totalmente absorvido pelo outro), *ghosting* (quando vestígios sobrevivem em uma recepção, mas podem permanecer adormecidos até serem resgatados pela sensibilidade do leitor ou do profissional), e *improvising* e *riffing* (termos retirados da música e usados para indicar como uma passagem ou tema pode ser extraído de um texto antigo

e reconfigurado, explorando variações antes de retornar ao tema básico). Essa dinâmica carrega ressonâncias com a noção de estrutura quiasmática no épico, uma forma de arte oral em que os poetas “cantavam”. Todos esses conceitos oferecem ferramentas para que acadêmicos e leitores mapeiem como a antiguidade e a modernidade podem se relacionar, como essas conexões têm sido mediadas e como podem ser estabelecidas ligações que funcionem através de diferentes tradições culturais.

Um modelo útil é o do *rizoma*, uma rede na qual existem vários pontos de entrada que permitem conexões e, ao mesmo tempo, possibilitam diferentes caminhos. Por exemplo, um acadêmico, profissional ou estudante com formação em literatura moderna, teatro ou relações internacionais pode ser atraído para o rizoma através de uma percepção de associações. No processo, eles podem adquirir conhecimento sobre materiais gregos e romanos e seus contextos, permitindo-lhes entrar no rizoma a partir de pontos diferentes e com uma perspectiva distinta no futuro, mantendo ainda assim as percepções geradas por seu ponto de entrada original. Esse processo pode engajar o leitor leigo interessado, mas também tem um lado inverso, em que uma pessoa conhecedora dos clássicos encontrará material de outros contextos, épocas, línguas e gêneros diferentes que amplia, refina e, às vezes, desafia seu conhecimento pré-existente e seus horizontes de compreensão.

A pesquisa sobre recepção criou e incorporou conceitos que destacam fases e níveis nesses processos, e também são particularmente úteis para analisar o que está envolvido nas “clássicas globais”. Esses conceitos incluem:

1 A “alta” e “baixa” intensidade de consciência sobre textos e figuras gregas e romanas

A consciência de baixa intensidade pode envolver o reconhecimento e alguma familiaridade com os nomes de figuras-chave como Aquiles, Hércules, Péricles, Augusto, ou mesmo Homero, ou Virgílio, mas sem conhecimento detalhado das

múltiplas implicações de suas origens. Por exemplo, uma ideia popular de Homero pode ser a de considerar (erroneamente) o poeta apenas como um “poeta da guerra”. A consciência de baixa intensidade pode ser transformada em maior intensidade em momentos de “consciência elevada”, quando situações, figuras, imagens e textos recebem um perfil mais destacado – por exemplo, em tempos de guerra ou conflito civil, ou quando escritores proeminentes e profissionais de teatro e cinema trabalham com exemplos particularmente icônicos.¹⁴

2 O *omni-local*

Greenwood (2013) evita qualquer implicação de que “global” seja um novo eufemismo para universal. Uma série de contextos locais evita noções de difusão a partir de um centro ou de uma hegemonia cultural. Há conexões úteis com a teoria de redes.

3 Conexões

Meios e métodos de conexão incluem agentes como tradutores, bem como modos de recepção/pontos de entrada para a consciência clássica (taxonomias sendo desenvolvidas no projeto *Oxford Classical Reception Commentaries*). A capacidade de poetas e leitores (assim como de acadêmicos e críticos) de estabelecer conexões fundamenta o desenvolvimento de novos tipos de comentários, que precisam refletir as diferenças de alcance e intensidade dos tipos de “conexão” trazidos ao material por escritores, leitores e acadêmicos.¹⁵

Mapear interações e conexões é uma tarefa vital para o acadêmico. A profa. Maria de Fatima Silva descreveu o processo em um contexto cultural específico:

A herança greco-latina é também uma fonte perene de inspiração para a literatura em língua portuguesa, especialmente em Portugal e no Brasil, em um processo contínuo e interminável de revisitas e ressignificações [...] no

âmbito da história literária, longe de visões simplistas e lineares, o processo complexo e interminável de recepção implica sempre um grande número de variáveis, originando leituras plurais que se interpenetram, somam e se sedimentam com o passar dos séculos [...] [escritores] permanecem em uma tensão constante entre conservação e inovação, tradição e originalidade.¹⁶

Duas outras citações de pesquisas recentes referem-se diretamente aos contextos, desafios e material comparativo importante, proporcionado pelas histórias de recepção clássica no Brasil e em seus países vizinhos:

A obra de Virgílio, como podemos ver, desempenha um papel fundamental em alguns momentos-chave da literatura e da história brasileiras [...] os conspiradores por trás da Inconfidência Mineira, que visava libertar o país do jugo português [...] escolheram um trecho da primeira égloga de Virgílio como seu lema: *Libertas quae sera tamen* (“Liberdade, ainda que tardia”, Virgílio, *Ecl.* 1., p. 127).¹⁷

Esta citação aponta para um exemplo do modo *emulativo* de recepção clássica.

À medida que os padrões transnacionais tomam forma, a personagem de Antígona aparece como um prisma através do qual se pode vislumbrar semelhanças nas dinâmicas culturais pós-revolucionárias nas Américas Espanhola, Portuguesa e Francesa [...] [expondo] uma diversidade regional, desafiando qualquer uniformidade imaginada que possamos querer atribuir à entelúquia espectral denominada “América Latina”.¹⁸

Fradinger aponta para recepções que resistem a generalizações e estereótipos. Na introdução substancial de sua monografia, a autora discute as longas e complexas histórias e as características distintivas das recepções clássicas na América Latina, destacando como elas resistem às categorizações e aos enquadramentos conceituais impostos por suposições sobre os projetos imperiais europeus.

As jornadas intelectuais e culturais descritas pela professora Fatima e seus colegas (quase quis chamá-las de Odisseias) refletem aquelas dos textos antigos. Por exemplo, Carol Dougherty chamou atenção para o encontro como um tipo de conexão:

Como um poema imerso na improvisação em todos os níveis – poético, temático, cultural – a *Odisseia* nos oferece a oportunidade perfeita para explorar o encontro inesperado como um quadro teórico útil para ler, em conjunto, textos clássicos e contemporâneos.¹⁹

COMO, ENTÃO, MAPEAR E TEORIZAR “CONEXÕES”?

Uma taxonomia resumida (incluída abaixo como um apêndice) ajuda a indicar a variedade de possíveis conexões em encontros com textos greco-latinos. A taxonomia está sendo utilizada como base (experimental) para o trabalho da série *Oxford Classical Reception Commentaries* (doravante OCRC). Diferentes formas de agência criativa e interpretativa entram em cena. Algumas conexões podem ser ‘semeadas’ pelo autor antigo; outras percebidas e desenvolvidas por escritores subsequentes; e algumas trazidas ou ativadas pelos leitores de um ou de ambos os textos. Nem todas as categorias de conexão serão igualmente aplicáveis a todos os autores, as diferenças e as razões para isso provavelmente serão esclarecedoras.

O OCRC é um projeto de longo prazo que pesquisará e publicará comentários digitais e impressos sobre textos e autores que lidam com materiais clássicos. Esse trabalho envolve o desenvolvimento e o teste de uma variedade de taxonomias, que incluem não apenas as noções mais tradicionais de alusão, intertextualidade e intratextualidade, mas também categorias mencionadas acima, como afinidade, associação, *glancing*, *ghosting*, *improvising*, *riffing*, *tracing*, metalepse. Todas essas categorias reconhecem as múltiplas agências envolvidas (autores, acadêmicos, leitores, artistas), ainda que o equilíbrio pode mudar de acordo com o contexto de mediação e recepção.

CAMINHOS A SEGUIR NA AVALIAÇÃO DO *GLOBAL TURN*

Passo agora para a terceira parte da discussão, que se concentra nos paradigmas. Selecionei dois aspectos para comentar: a exemplaridade e as narrativas. Assim como os conceitos e rótulos discutidos anteriormente, eles estão entrelaçados.

1 Exemplaridade

Mudanças ocorreram nas atitudes em relação à exemplaridade. Duas citações de um volume de ensaios com foco em temporalidades e percepções da função exemplar de textos e ideias clássicas destacam a seguinte ideia:

Embora o uso exemplar do passado não tenha completamente desaparecido na era moderna, a singularidade dos períodos torna problemáticas as comparações diretas de diferentes eventos e, se tais comparações pretendem ter alguma plausibilidade, elas devem levar em conta e ponderar o contexto cultural dos eventos comparados.²⁰

[Gretlein] explora como os dois historiadores [Heródoto e Tucídides] rompem com outros gêneros comemorativos, ao utilizar exempla para fins críticos, em vez de legitimar ou glorificar, e ao introduzir em suas narrativas formas de ação que desafiam as temporalidades da historiografia exemplar [...] Em contraste, a crítica moderna à história exemplar expressa a ideia de que o futuro é aberto e pode ser moldado, enquanto a contingência deve ser compreendida não tanto como acaso, mas como liberdade para agir.²¹

2 Narrativas

O termo “narrativa” pode ser compreendido de várias maneiras, por exemplo, como uma história ou um conto que constitui um mito, um romance ou um relato de um evento histórico, ou como uma visão mais abstrata ou explicação de fenômenos culturais. Os tipos de narrativa podem estar intimamente inter-relacionados:

As histórias sobre o passado clássico continuam a moldar ideias e práticas culturais, políticas e sociais contemporâneas; conseqüentemente, há um papel para o questionamento crítico dessas histórias [...] um pesquisador “democrático” deve estar comprometido em usar sua autoridade para complicar essas histórias, ampliar seu elenco de personagens e abrir debates sobre seu significado, em vez de fechá-los.²²

O ponto de Harloe sobre diferentes tipos de narrativas que podem ser colocadas ao lado e desafiar as tradicionalmente hegemônicas é refletido em pesquisas recentes e em andamento. Isso inclui novas áreas de interesse, como estudos de fuga, nomadologia, viagens e fronteiras, bem como paradigmas teóricos da teoria das fronteiras e diferenças impostas colonialmente em que o local e o metropolitano se encontram de frente.²³

Além disso, gostaria de enfatizar que clássicos e estudiosos da recepção deveriam incluir uma análise crítica das narrativas sobre o passado clássico, suas mediações no presente e as maneiras pelas quais o presente (incluindo os saberes consagrados da academia) reflete essa complexa *hinterlândia*. Elaborar seriamente o passado requer uma análise crítica do presente e de como ele é formulado, e vice-versa.

ELABORAR SERIAMENTE O PASSADO

Emily Greenwood argumentou que os *comparanda* são importantes para ajudar a “reorganizar a disciplina e ampliar as fronteiras”.²⁴ Os *comparanda* também servem para enfatizar que o trabalho colaborativo é vital, assim como a disposição de compartilhar *insights* e ouvir uns aos outros (ninguém é ou poderia ser um “especialista global”). A colaboração no processo de comparação auxilia acadêmicos e leitores a revisitar, revisar e substituir narrativas dominantes, evitando uma nostalgia regressiva, o anseio por um lugar ou um passado que foi irremediavelmente transformado, que nunca retornará e que é, agora, uma construção do imaginário pessoal, social e cultural, até mesmo aspiracional. A

nostalgia é uma noção que tem sido produtivamente problematizada em pesquisas recentes.

Em sua forma mais fielmente odisseica, a nostalgia é voltada para o futuro, é antecipatória. É como a imaginação humana no exílio se sustenta e extrai inspiração do deslocamento [...] Trata-se de uma visão, um sentimento que ressoa com o conselho de Cavafy de “manter Ítaca sempre em sua mente” e nunca temer os Lestrígonas, o Ciclope ou a ira de Poseidon “desde que mantenha seus pensamentos elevados/desde que um raro entusiasmo/ative seu espírito e seu corpo.”²⁵

REUNINDO QUESTÕES-CHAVE, CONCEITOS E MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO

Em seu estudo incisivo sobre resistência anticolonial, Priyamvada Gopal apresentou vários pontos que se relacionam com a necessidade de uma análise crítica de narrativas predominantes, como enfatizado por Harloe na citação discutida anteriormente. Embora o material greco-romano não apareça especificamente na análise de Gopal, ela oferece uma série de *insights* valiosos, principalmente quando invoca o estímulo de Adorno para elaborar seriamente o passado:

Nas Ilhas Britânicas, o projeto de desenvolver uma relação mais exigente com a história do que a oferecida pelas histórias insulares predominantes vai muito além da generosidade performativa de “incluir” minorias étnicas e culturais no nacional. O que Adorno chama de “elaborar seriamente o passado” é uma tarefa que também deve ser assumida pelas comunidades africanas, caribenhas e asiáticas da Grã-Bretanha. Quais podem ser as ressonâncias para essas comunidades ao refletir sobre uma história de agência e resistência, dos colonizados em luta, no sentido de desenvolver uma relação diferente tanto com a Grã-Bretanha quanto com o mundo?²⁶

Esta formulação, me parece oferecer uma analogia com o que é necessário para construir narrativas mais matizadas nos estudos clássicos. O imperativo de Gopal posiciona a tarefa como

uma oportunidade para que os marginalizados exerçam sua agência, bem como para que os privilegiados até então reconheçam e atuem nas novas e transformadoras responsabilidades que lhes são oferecidas por essa mudança hegemônica. Um dos aspectos mais valiosos do livro de Gopal é sua demonstração de que as próprias pessoas colonizadas influenciaram a consciência e as decisões no centro do Império Britânico. Elas não eram vítimas, mas agentes na construção do futuro.²⁷ Certamente, a mesma noção de agência deve se aplicar àqueles cuja participação e vozes têm sido marginalizadas nas hegemonias culturais e institucionais associadas ao estudo da Grécia e Roma antigas e à construção e disseminação de suas narrativas associadas.

O reconhecimento da agência, portanto, precisa ser flexível e multifacetado. Em 1º de junho de 2023, Jeri Daboo proferiu uma palestra para a série sul-asiática do *London Centre for Comparative Literature*. Seu foco foi a performance de Adaptação como uma atividade pós-colonial.²⁸ Daboo usou a noção de transadaptação para caracterizar os processos envolvidos na criação e encenação de versões de textos canônicos e de novas peças. Seu foco foi na performance e criatividade entre as comunidades da diáspora, envolvendo linguagem, estética e recontextualização. Seus exemplos foram extraídos de Shakespeare, Lorca e do drama moderno, mas não incluíram material da antiguidade greco-romana.

O ponto central de sua abordagem, relevante para a discussão sobre os Estudos Clássicos em uma perspectiva global, é que trabalhar com novos espaços (em sua palestra, espaços diaspóricos) implica unir os patrimônios culturais tanto da comunidade anfitriã quanto da diáspora. Reconhecer o entrelaçamento dessas heranças oferece uma base para trabalhos que refletem o crescimento de identidades e de experiências novas e compartilhadas. Daboo argumentou que o espaço da diáspora é povoado tanto por comunidades indígenas quanto por migrantes. Isso se aplica tanto a discussões sobre culturas da Australásia, quanto sobre sul-asiáticos na área de *Southall*, em Londres, ou sobre a Nova Europa – ou, por analogia, sobre a relação entre as

fases da pesquisa clássica e os centros de poder intelectual e cultural que as dominam. O modelo de Daboo apresenta implicações interessantes e desafiadoras para a relação, nos Estudos Clássicos, entre as práticas acadêmicas, a conscientização pública e o *global turn*. Ele aponta na direção de “tanto isso como aquilo”, em vez de “ou isso ou aquilo”, como um princípio orientador da investigação.

CODA

Como primeiro passo rumo a “elaborar seriamente o passado”, é necessário reconhecer que as histórias de apropriação da antiguidade grega e romana a serviço de projetos imperialistas, colonialistas, racistas e misóginos desacreditaram todo o campo de estudo aos olhos tanto da intelectualidade liberal quanto das pessoas marginalizadas e oprimidas por conta de gênero, raça e classe. No entanto, a história mais recente da disciplina possui aspectos redentores. Em primeiro lugar, a antiguidade, em certa medida, foi libertada da cooptação por hegemonias políticas e culturais estabelecidas. O fato de que os Estudos Clássicos foram forçados a uma posição em que não é mais dominante, mas sim subalterno, é potencialmente uma fonte de força.

O modelo de Gopal, no qual os marginalizados e colonizados podem usar resistência e dissidência construtiva para energizar mudanças e transformar atitudes tanto entre os poderosos quanto entre os oprimidos, oferece à teoria e prática dos estudos clássicos uma analogia que tem força tanto dentro da disciplina quanto em sua atividade mais ampla. A analogia permite pensar com o material grego e romano e suas recepções podem contribuir à criação de espaços novos e diferentes para desenvolvimento e debate, revelando diferentes futuros. Há muitos exemplos de materiais clássicos sendo usados como contratextos e intertextos, funcionando como intervenções na política cultural e trazendo a democracia deliberativa de volta aos debates.

As histórias e as urgências das disciplinas de Estudos Clássicos representam um microcosmo dos desafios enfrentados

pela sociedade e pela política cultural. Aceitar o passado sem negar ou reprimir seu lado sombrio é um desafio em muitos contextos ao redor do mundo e certamente é um *sine qua non* para o progresso. Estudar a antiguidade grega e romana e suas recepções, além de refletir sobre elas, traz as vantagens de trabalhar com um material que é tanto distante quanto presente e carrega o potencial de adentrar um espaço vazio e/ou criar um novo espaço. Elaborar seriamente o passado, o presente e o futuro exigirá qualidades distintas de compromisso e uma abordagem imparcial na coleta e análise de evidências, além da coragem e da capacidade de comunicar análises radicais e perspectivas ambiciosas, e de submeter tudo isso a uma análise crítica e ao desafio.

Para uma perspectiva sobre a relação entre passados e presentes que aborda as especificidades da situação nos Estudos Clássicos, há uma citação do ensaio de Brooke Holmes sobre *Cosmopoiesis*:

[...] a construção de mundos que trazem, às vezes, constelações incomuns de textos antigos juntamente com elementos vivos no presente em uma simbiose criativa [...] o trabalho é necessariamente processual, parcial e contingente [...] qualidades essenciais ao que a obra de *cosmopoiesis* no campo do 'clássico' contribui para o trabalho de viver juntos e viver bem.²⁹

Holmes destaca um elemento que está se tornando mais proeminente no trabalho de acadêmicos e estudantes de estudos clássicos: o compromisso ético com o mundo mais amplo, que redefine o que pode ser contribuível a partir do estudo da antiguidade e sua recepção. Os veículos para isso incluem narrativas e mitos, pontos de reconhecimento (*anagnórisis*) e a performatividade do testemunho.

Em uma análise conceitual distinta, o estudo de Bromberg sobre as possibilidades globais (e necessidades) de um novo tipo de clássicos exortou o reconhecimento de três quadros paradigmáticos que já estão moldando a pesquisa, o debate e o ensino nos Estudos Clássicos e além – transfronteiriço,

transhistórico e transdisciplinar.³⁰ Insistir que o estudo da antiguidade grega e romana tem uma contribuição significativa a fazer em esferas mais amplas implica o compromisso de, para tanto, a disciplina precisar lidar tanto com suas próprias histórias quanto superá-las. Textos, contextos, ideias e imagens da antiguidade grega e romana são matéria-prima, um espaço para encontros. A *expertise* filológica continua sendo necessária, juntamente com uma compreensão das histórias da academia como marcadoras das narrativas envolvidas no engajamento com o passado.

Como estímulo final para reflexão, aqui está uma citação do poeta irlandês Seamus Heaney, laureado com o Prêmio Nobel:

[...] é o trabalho do poeta ser sensível às tensões e pressões que permeiam a vida de sua época. O que distingue o bom poeta é a habilidade de traçar essas tensões até seu próprio lar, através das fraturas de sua própria sensibilidade, e de ser fiel ao funcionamento de seu próprio espírito enquanto permanece atento ao funcionamento do mundo. Isso é o que podemos chamar de integridade artística, e é um *sine qua non*.³¹

Parece-me que, se substituirmos “poeta” por “acadêmico”, isso iluminará também um compromisso com a integridade acadêmica, além de nos direcionar para uma dimensão ética em nosso trabalho, independentemente de seu foco específico.

ABSTRACT

The discussion examines the implications for classics and classical reception studies of the recent ‘global turn’ in cultural theory. It begins by summarizing the wider associations of the concept of ‘global’, which have some negative implications for classical research and teaching, and which influence the construction and interpretation of paradigms. The ‘global turn’ is then situated in the context of other cultural and conceptual turns which have impacted on the study of Greek and Roman antiquity and its receptions: the ‘cultural turn’, the ‘translation turn’, the ‘performative turn’, the ‘democratic turn’, and most recently the ‘existential turn’. These ‘turns’ are inter-related, and an understanding of this nexus provides a basis for negotiating the relationship between the study of classical antiquity and the cultural politics of the global. The main body of the paper refers to some examples of the roles of People and Places in the paradigm shifts that are currently in progress, including citation of some of the important recent scholarship that has illuminated the reception and refiguring of classical material in South America, especially Brazil. Important elements in analysis include *comparanda*; re-thinking conceptions of temporality, agency and their narratives; recognition that scholars, translators, creative practitioners, and the wider public all have a variety of points of entry to a rhizome of engagement with Greek and Roman antiquity. The concluding section focuses on paradigms and aspirations, including the imperative of ‘working seriously on the past’ (Adorno’s phrase) and its relationships both with the present and with the future. The histories and urgencies of the disciplines that cluster in classical study not only represent a microcosm of the challenges facing societies and geo-politics, but also have the capacity to provide a space in which the principles of dispassionate inquiry and ethical engagement can be mutually enhancing.

KEYWORDS

Adorno; Classical Receptions; Epic Poetry; Global Cultural Politics; Greek and Roman Antiquity; Narratives; Tragedy; Translation.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. The Meaning of Working Through the Past. **Critical Models: Interventions and Catchwords**. Tr. H.W. Pickford. New York: Columbia University Press, 2005.
- ALONZI, L. **History as a Translation of the Past: Case Studies from the West**. London: Bloomsbury Academic, 2023.
- BAKER, M. **Unsettling Translation: Studies in Honour of Theo Hermans**. London: Routledge, 2022. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/books/oa-edit/10.4324/9781003134633/unsettling-translation-mona-baker>>. Acesso em: 5 jun. 2022.
- BALMER, J. **Piecing Together the Fragments**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BALMER, J. **The Word for Sorrow**. Cambridge: Salt, 2009.
- BASSNETT, S. **Translation**. London: Routledge, 2014.
- BRAUND, S.; TORLONE, Z.M. (ed.). **Virgil and his Translators**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- BROMBERG, J. **Global Classics**. London and New York: Routledge, 2021.
- BUTLER, S. (ed.) **Deep Classics: Rethinking Classical Reception**. London: Bloomsbury, 2016.
- DOUGHERTY, C. **Travel and Home in Homer's Odyssey and Contemporary Literature: Critical Encounters and Nostalgic Returns**. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- EIDINOW, E. The (Ancient Greek) Subject Supposed to Believe. **Numen: International Review for the History of Religions**, 66.1, 2019, p. 56-88.
- FRADINGER, M. **Antigonas: Writing from Latin America**. Oxford: Oxford University Press, 2023.
- GOPAL, P. **Insurgent Empire: Anticolonial Resistance and British Dissent**. London and New York: Verso, 2020.
- GREENWOOD, E. **Afro-Greeks: Dialogues between Anglophone Caribbean Literature and Classics in the Twentieth Century**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GREENWOOD, E. Herodotus, Anti-colonialism, Diversity, and Black Traditions in the Modern World. **Herodotus Helpline**, 24 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.herodotushelpline.org/seminar-schedule>>. Acesso em: 23 set. 2022.

- GREENWOOD, E. Omni-local classical receptions. **Afterword to Classical Receptions in Central and Eastern European Poetry**. Special Issue: Classical Receptions Journal, vol. 5, Issue 3, 2013, p. 354-361.
- HALL, E. Navigating the Realms of Gold: Translation as Access Route to the Classics. In: Lianeri and Zajko (eds.), 2008, p. 315-40.
- HALL, E.; MACINTOSH, M.; WRIGLEY, A. (eds.), **Dionysus since 69**: Greek Tragedy at the Dawn of the Third Millennium. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- HARDWICK, L. Aspirations and Mantras in Classical Reception Research: Can There Really be Dialogue between Ancient and Modern?. In: POURCQ; M. de, de Haan N.; RIJSER, D. (eds.). **Framing Classical Reception Studies**: Different Perspectives on a Developing Field. Leiden: Brill, 2020. p. 15-32.
- HARDWICK, L. Epilogue. Voices, Bodies, Silences and Media: Heightened Receptivities in Epic in Performance. In: MACINTOSH, F.; J. MCCONNELL; S. HARRISON; KENWARD, C. (eds.). **Epic Performances**: from the Middle Ages into the Twenty-First Century. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 558-572.
- HARDWICK, L. Fuzzy Connections: Classical Texts and Modern Poetry in English. In: PARKER, J.; MATHEWS, T. (eds.). **Translation, Trauma and Tradition**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 39-60.
- HARDWICK, L. Heightened Receptivities: when Ancient and Modern Meet in Greek Tragedy. In: KARAMANOU, I. (ed.), **Ancient Theatre**: Proceedings of the Nafplion Conference on Otherness. Tripoli (GR): University of the Peloponnese, 2022. p. 283-295.
- HARDWICK, L. **Reception Studies**: New Surveys in the Classics. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2025. (no prelo).
- HARDWICK, L. Thinking with Classical Reception: Critical Distance, Critical Licence, Critical Amnesia. In: RICHARDSON, E. (ed.). **Classics in Extremis**: the Edges of Classical Reception. London: Bloomsbury, 2019. p. 13-24.
- HARDWICK, L. Tracking Classical Scholarship: Myth, Evidence and Epistemology. In: HARRISON, J.; PELLING, C. (ed.). **Classical Scholarship and Its History**: Essays in Honour of Christopher Stray, 9-31. Berlin and Boston: De Gruyter, 2021b.
- HARDWICK, L. Translation and Temporalities in Classical Reception Histories: Narratives, Genres, Forms and the Agencies of Translators. In: ALONZI, L. **History as a Translation of the Past**: Case Studies from the West. London: Bloomsbury Academic, 2023. p. 49-68.

- HARDWICK, L. Translation and/as Adaptation. In: LIAPIS, V.; SIDIROPOULOU, A. (eds.). **Adapting Greek Tragedy: Contemporary Contexts for Ancient Texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021a. p. 110-130.
- HARDWICK, L.; GILLESPIE, C. (eds.). **Classics in Post-Colonial Worlds**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HARDWICK, L.; HARRISON S.J.; VANDIVER, E. (eds.). **Classics in the Modern World: A 'Democratic Turn'?**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- HARDWICK, L.; HARRISON S.J.; VANDIVER, E. **Rupert Brooke, Charles Sorley, Isaac Rosenberg and Wilfred Owen: Classical Connections**. Oxford: Oxford University Press, 2024a.
- HARDWICK, L.; VANDIVER, E. **Greek and Roman Antiquity in First World War Poetry: Making Connections**. Oxford: Oxford University Press, 2024b.
- HEANEY, S. **The Redress of Poetry**. London: Faber, 1995.
- HEANEY, S. What Makes a Good Poet. **Portal 2**, julho, 2000, p. 5.
- HINDS, S. **Allusion and Intertext: Dynamics of Appropriation in Roman Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- HOLMES, B. Cosmopoiesis in the Field of "The Classical". In: BUTLER, S. (ed.) **Deep Classics: Rethinking Classical Reception**. London: Bloomsbury, 2016. p. 269-289.
- LIANERI, A. Translated History and Historical Time: Transtemporal Understandings of Greek and Roman Concepts. In: ALONZI, L. **History as a Translation of the Past: Case Studies from the West**. London: Bloomsbury Academic, 2023. p. 141-168.
- LIANERI, A.; V. Zajko (eds). **Translation and the Classic: Identity as Change in the History of Culture**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LIAPIS, V.; SIDIROPOULOU, A. (eds.). **Adapting Greek Tragedy: Contemporary Contexts for Ancient Texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.
- LOGUE, C. **War Music: an Account of Homer's Iliad**. London: Faber, 2015.
- MACINTOSH, F.; J. MCCONNELL; S. HARRISON; C. Kenward (eds.). **Epic Performances: from the Middle Ages into the Twenty-First Century**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- MARTINDALE, C. **Redeeming the Text**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MATZNER, S.; TRIMBLE, G. **Metalepsis: Ancient Texts, New Perspectives**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

- MCCONNELL, J. **Derek Walcott and the Creation of a Classical Caribbean**. London: Bloomsbury, 2023.
- MEE, E.; FOLEY, H.P. (eds.). **Antigone on the Contemporary World Stage**. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- MICHELAKIS, P. (ed.). **Classics and Media Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- OSWALD, A. Sidelong Glances. Oxford Professor of Poetry Lecture (27 May), 2021.
- POURCQ, M. de; HAAN, N. de; RIJSER, D. (eds.). **Framing Classical Reception Studies: Different Perspectives on a Developing Field**. Leiden: Brill, 2020.
- RICHARDSON, E. (ed.). **Classics in Extremis: the Edges of Classical Reception**. London: Bloomsbury, 2019.
- SILVA, M. de F.; HARDWICK, L.; MARQUES PEREIRA, S. (eds.). **The Classical Tradition in Portuguese and Brazilian Poetry**. Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2022.
- STEAD, H. Fire, Fennel and the Future of Socialism: Tony Harrison's Prometheus. In: BYRNE, S. (ed.). **Tony Harrison and the Classics**. Oxford: Oxford University Press, 2022. p. 202-221.
- The Postclassicisms Collective: Postclassicisms**. Chicago: Chicago University Press, 2020.
- THIONG'O, Ngũgĩ wa. **Globalectics: Theory and the Politics of Knowing**. Welleck Lectures 2010. New York: Columbia University Press, 2012.
- VASCONCELLOS, P.S. de. Virgílio Brasileiro: a Brazilian Virgil in the Nineteenth Century. In: BRAUND, S.; TORLONE, Z.M. (ed.). **Virgil and his Translators**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 345-354.
- ZUCKERBERG, D. **Not all Dead White Men: Classics and Misogyny in the Digital Age**. Cambridge (MA): Harvard University Press, 2018.

APÊNDICE: TIPOS DE “CONEXÕES”

“Claro, Galípoli não é Tomis, nem vice-versa. Mas, entre esses dois polos, a poesia pode estabelecer suas próprias conexões”.³² Assim sendo, Josephine Balmer escreveu sobre como suas recepções da poesia de exílio de Ovídio foram incorporadas em sua própria resposta poética à experiência de um soldado local na Primeira Guerra Mundial. De maneira mais teórica, Carol Dougherty chamou atenção para os tipos de conexões e como elas são encontradas: “Como um poema imerso na improvisação em todos os níveis – poético, temático, cultural – a *Odisseia* nos oferece a oportunidade perfeita para explorar o encontro inesperado como um quadro teórico útil para ler, em conjunto, textos clássicos e contemporâneos”.³³

COMO MAPEAR E TEORIZAR “CONEXÕES”?

Um esboço de taxonomia (incluído abaixo como um apêndice) ajuda a indicar uma gama de possíveis “conexões” em encontros com textos gregos e latinos. Ele está sendo utilizado como base (experimental) para o trabalho *Oxford Classical Reception Commentaries*. Diferentes formas de agência criativa e interpretativa entram em cena – algumas conexões podem ser “semeadas” pelo autor antigo; outras percebidas e desenvolvidas por escritores subsequentes; e algumas trazidas ou ativadas pelos leitores de um ou ambos os textos. Nem todas as categorias de conexão serão igualmente aplicáveis a todos os autores – as diferenças e as razões para isso provavelmente serão esclarecedoras.

ALUSÃO

Historicamente, muitos classicistas adotaram uma abordagem para a leitura das recepções de textos clássicos baseada na análise de alusões e seu papel nas relações entre diferentes poemas (antigos e modernos). Essa abordagem geralmente privilegia o autor da antiguidade e sugere que os aspectos formais e lexicais de um poema carregam um significado que foi, de certa

forma, intencionado, embora estudiosos como Stephen Hinds tenham enfatizado que esse tipo de análise não deve reduzir as possibilidades de interpretações plurais.³⁴ As abordagens baseadas em alusões também privilegiam as habilidades, a educação e o conhecimento do leitor, que deve captar as alusões, sejam elas de forma aberta ou sutilmente inseridas sob o significado aparente (ou ambas). As alusões indiretas podem ser classificadas como tal devido ao seu percurso por múltiplas mediações ou porque se apoiam em um emblema cultural, em vez de um texto literário específico, e, portanto, necessitam ser recontextualizadas (por exemplo, Aquiles como herói; Dido como amante abandonada; Eneias como fundador de uma nova nação).

INTERTEXTUALIDADE

A alusão que vai além de uma simples menção a uma figura ou emblema cultural é geralmente referida como intertextualidade, ou seja, a movimentação através e entre diferentes textos. A intertextualidade também pode envolver a movimentação entre textos antigos, textos mediadores e textos menos classicamente orientados, mas que fazem parte da tradição literária do novo escritor. A teoria da resposta do leitor, por sua vez, ampliou a agência do leitor na construção de conexões. Os leitores podem trazer para o poema ecos e interpretações que se baseiam em outros textos familiares ao leitor, mas não necessariamente conhecidos pelo escritor original (incluindo textos que podem ter sido produzidos posteriormente). Por exemplo, os classicistas do séc. XXI em ambientes de língua inglesa podem achar impossível ensinar a ode III.2 de Horácio sem serem influenciados pela intervenção do poema “*Dulce et decorum est*”, de Wilfred Owen.

INTRATEXTUALIDADE

Refere-se a conexões feitas pelo poeta dentro de um poema ou entre esse e outros textos na *oeuvre* do escritor. A intratextualidade muitas vezes opera ao lado da intertextualidade,

potencializando a autorreferencialidade do escritor e destacando a *metalepse*.

As conexões acima predominantemente baseadas em textos implicam um conhecimento relativamente detalhado dos textos antigos por parte dos escritores subsequentes e seus leitores. A pesquisa sobre recepções clássicas precisa expandir, até mesmo “esticar”, essa taxonomia. Aqui estão algumas possibilidades que vão além da intertextualidade:

AFINIDADES

A afinidade contribui para a conexão. O escritor ajuda os leitores a sentir empatia pelo texto e por seus antecedentes, bem como por outros leitores, possivelmente por meio do uso de termos ou situações vernáculos familiares. Por exemplo, o poeta Isaac Rosenberg, em suas cartas dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, discutiu a afinidade entre Ésquilo e ele próprio, pois, como soldados em serviço, ambos teriam enfrentado piolhos (referidos pelo Heraldo em *Agamemnon* de Ésquilo).

ASSOCIAÇÕES

O escritor pode inserir gatilhos associativos em um poema para fornecer ao leitor uma maneira de conectar o antigo e o moderno; igualmente, o leitor pode trazer associações ativadas pela linguagem e situações contemporâneas. Às vezes, as associações implicam situações paralelas que atravessam tempos e lugares. A guerra, a morte, o amor, a perda fornecem motivos e tropos que se repetem em muitas literaturas – por exemplo, a associação entre a morte em batalha e o motivo suspenso da papoila, no qual o símile de Homero sobre a morte de Gorgythion, no canto VIII da *Iliada*, se engaja com as papoilas nos campos da Primeira Guerra Mundial na Flandres, que foram assimiladas à iconografia do memorial. Às vezes, experiências aparentemente distintas podem ser relacionadas por meio de uma metáfora, um símile ou uma palavra-chave que ativa uma sequência contínua de associações. As associações de

lugar, às vezes, estão ligadas ao desenvolvimento de um senso de afinidade. Por exemplo, este foi um aspecto importante da poesia da Primeira Guerra Mundial, especialmente por escritores imersos na literatura grega. Isso é evidente nas conexões feitas por soldados em viagem a Galípoli com lugares nos poemas homéricos e sua localização nas ilhas gregas e na planície troiana. Os leitores modernos podem responder prontamente a essas associações por causa de suas próprias experiências de viagem.

GLANCING

Este é um termo usado para indicar um encontro breve em que nenhum dos textos é absorvido pelo outro, mas eles se tocam brevemente, talvez por meio de uma palavra ou experiência compartilhada, e então seguem caminhos distintos, embora a compreensão dos leitores sobre os dois possa ser afetada. Em termos criativos, uma analogia é com a tangente de um triângulo – sua trajetória a afasta do triângulo, mas, ainda assim, eles se tocam. A palestra de maio de Alice Oswald, intitulada *Sidelong Glances*, na série *Professor of Poetry de Oxford* (27 de maio de 2021), discutiu como a literatura possui “uma porta dos fundos”. Ela identificou a capacidade auricular e a oralidade, (frequentemente exemplificadas por grupos subalternos, como mulheres e grupos marginalizados etnicamente) como ricas fontes de modos inesperados de acessar um poema. O *glancing* de Oswald é um movimento lateral e associativo, permitindo que a poesia seja feita a partir de uma colcha de retalhos de comentários e vozes, em vez de depender da poesia como um elo em uma grande cadeia de desenvolvimento literário. Ela usou essa técnica em seu trabalho de 2011, *Memorial*, no qual pretendia traduzir a atmosfera da *Ilíada* para conceder *status* aos mortos que não receberam uma *aristeia* nos poemas homéricos.³⁵

GHOSTING

Este termo é usado para se referir a vestígios de um texto antigo que sobrevivem na recepção subsequente, mas permanecem adormecidos, submersos sob a superfície e a compreensão do leitor até emergirem, talvez apenas para recuar novamente. De maneira mais formal, muitas recepções da poesia grega e romana empregam recursos literários como a *katabasis* para ativar esses vestígios, tanto de maneira material quanto metafórica.

IMPROVISING AND RIFFING

Estes são termos críticos emprestados da música. Eles apontam como um escritor moderno pode pegar um tema ou passagem de um autor antigo e trabalhar com ela, explorando suas possibilidades criativas e variações antes de retornar ao tema-base (cf. estrutura quiástica na poesia épica).

METALEPSE

A metalepse tem sido empregada como um conceito na crítica narratológica moderna para indicar como escritores sinalizam sua própria presença no texto e até mesmo destacam sua intervenção como narradores. A metalepse também é uma ferramenta útil para examinar a presença e a agência interpretativa direta do autor em recepções clássicas de poesia que não estão confinadas a narrativas extensas. Às vezes, o autor aparece em pessoa. No entanto, a *metalepse* nem sempre é indicada pelo uso da primeira pessoa “eu”. Por exemplo, Christopher Logue em seu *War Music* apostrofa, ou seja, dirige-se ao leitor no vocativo, como se ele próprio fosse um diretor de cinema, e dessa forma direciona o olhar e a imaginação do leitor.³⁶ Uma vez que os leitores são trazidos para o poema dessa maneira, eles mesmos podem ter um papel em moldar como a história é percebida.³⁷

TRACE

Este é um termo crítico usado em dois sentidos, como verbo e como substantivo. Como verbo, denota maneiras pelas quais um crítico investiga. O verbo também mapeia como um escritor trabalha e como as conexões são feitas. Como substantivo, ele denota como o crítico, ou um novo escritor ou leitor, pode identificar “vestígios” de outros textos e maneiras de olhar que persistem no novo trabalho. Esses elementos vestigiais podem parecer desconectados, mas também fornecem matéria-prima para criar novas conexões e questionar as já assumidas.

- ¹Gostaria de agradecer ao professor Rainer Guggenberger e aos seus colegas por organizarem a conferência na qual este artigo foi apresentado pela primeira vez. A professora Catherine Connors e o professor Stephen Hinds atuaram como debatedores, e sou muito grata a eles por seus comentários perspicazes, bem como a todos que contribuíram de forma tão significativa para a discussão. Os tradutores foram fundamentais para viabilizar a discussão. Agradeço-os bem como à tradutora deste artigo, Ana Beatriz de Melo Barbosa Palomanes, pela sua expertise, e ao professor Rainer Guggenberger pela revisão.
- ²Veja também Lianeri; Zajko, 2008; Bassnett, 2014; Braund; Torlone, 2018; Baker, 2022; Alonzi, 2023; Hall et al., 2004.
- ³ Hardwick; Harrison, 2013.
- ⁴ Hardwick; Gillespie, 2007; Greenwood, 2010; McConnell, 2023.
- ⁵ Michelakis, 2020.
- ⁶ Bromberg, 2021.
- ⁷Veja Hardwick (2025) e Zuckerberg (2018). Para uma análise ponderada das recepções clássicas em vários contextos de trauma cultural e político, veja os ensaios em Richardson (2019). Hardwick (2019, 2021) aborda algumas das questões envolvidas no trabalho crítico sobre o passado, sem sanitizá-lo ou reprimir questões-chave.
- ⁸Para uma análise ponderada e perspicaz, veja *The Postclassicism Collective* (2020).
- ⁹ Bromberg, 2021, p. 6-7; grifo nosso.
- ¹⁰ *The Postclassicism Collective*, 2020, p. 201.
- ¹¹ Ngugi, 2012, p. 61; grifo nosso. A extensão do mapeamento cultural promovido pelo estudo de traduções é discutida em Lianeri (2008). Pourcq et al. (2020) considera o impacto dos diferentes quadros usados nos estudos de recepção clássica (incluindo Hardwick, 2020).
- ¹² Hall, 2008. O trabalho de Josephine Balmer (2009, 2013) sobre tradução e criatividade e de Susan Bassnett (2014) sobre histórias e teorias da tradução foi especialmente importante. Baker (2022), problematiza questões-chave e contém ensaios importantes sobre tradução como comentário (Batchelor) e sobre performance e agência literária (Saldanha). Veja mais em Hardwick (2023).
- ¹³ Hinds (1998) considerou as duas dimensões e motivou grande parte das discussões subsequentes. Para uma discussão sobre a ampliação das taxonomias, veja Hardwick, Harrison e Vandiver (2024, p. 1-5, 12-18), a partir do qual este resumo é extraído.
- ¹⁴Veja Eidenow (2019) para uma discussão do conceito em termos de contextos religiosos antigos. Para uma discussão das condições para a “receptividade elevada”, veja Hardwick (2018).
- ¹⁵Stead (2022, p. x) chama a atenção para as maneiras pelas quais alusões e ressonâncias “aprendidas” e “populares” podem funcionar juntas em um texto específico. Hardwick (2011) apresenta uma discussão introdutória.
- ¹⁶Silva et al., 2022, p. xviii. Para uma discussão mais aprofundada sobre os níveis de consciência e as implicações, veja (Hardwick, 2018; Foster, 2020; e a introdução a Hardwick et al., 2024).
- ¹⁷ Vasconcellos, 2018, p. 346.
- ¹⁸ Fradinger, 2023, p. 4.
- ¹⁹ Dougherty 2019, p. 9.
- ²⁰ Grethlein, 2011, p. 247-248.
- ²¹ Lianeri, 2011, p. 26-27; grifo nosso.
- ²² Harloe, 2013, p. 12.
- ²³Todos esses temas refletem o material frutífero em textos antigos, conforme discutido no artigo de Emily Greenwood para a *Herodotus Helpline* (Greenwood,

2021). Veja também Hardwick (2023).

²⁴ Greenwood, 2021.

²⁵ Riley (2021, p. 30), citando Cavafy, trad. Keeley e Sherrard, 1992.

²⁶ Gopal (2020, p. 453), discutindo Adorno, 2005, p. 89; grifo nosso.

²⁷ Ngũgĩ (2012, p. 63) fornece outra perspectiva sobre essa questão em sua discussão sobre a importância da tradução *inter* e *intra* línguas.

²⁸ Estava previsto que a palestra fosse disponibilizada no site do Centro (<<https://sites.gold.ac.uk/comparative-literature>>).

²⁹ Holmes, 2016, p. 285.

³⁰ Bromberg, 2021, p. 6-14.

³¹ Heaney, 2000, p. 5; grifo nosso.

³² Balmer, 2009, p. xiv; grifo nosso.

³³ Dougherty, 2019, p. 9.

³⁴ Hinds, 1998, cap. 2.

³⁵ Oswald, 2011, p. 1-2.

³⁶ Logue, 2015, p. 9.

³⁷ Veja mais em Matzner; Trimble, 2020, cap. 1.